

Organização, textos e notas
Renata Udler Cromberg

Tradução
Renata Dias Mundt

Sabina Spielrein

Uma pioneira da psicanálise

Obras Completas, volume 3



Blucher

Sabina Spielrein

Uma pioneira da psicanálise

OBRAS COMPLETAS – VOLUME 3

Organização, textos e notas

Renata Udler Cromberg

Tradução

Renata Dias Mundt

Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise. Obras Completas, volume 3

© 2025 Renata Udler Cromberg

Editora Edgard Blücher Ltda.

SÉRIE PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Coordenador da série Flávio Ferraz

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Rafael Fulanetti

Coordenação de produção Ana Cristina Garcia

Produção editorial Luana Negraes

Preparação de texto Rodrigo Botelho

Diagramação Negrito Produção Editorial

Revisão de texto Ariana Corrêa, Maurício Katayama e Regiane da Silva Miyashiro

Capa Juliana Midori Horie

Imagem da capa Carta de Sabina Spielrein sobre cartas russas (2021), Fabio Praça

Blucher

Rua Pedrosa Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

Sabina Spielrein : uma pioneira da psicanálise : obras completas / organização, textos e notas Renata Udler Cromberg ; tradução Renata Dias Mundt. – São Paulo : Blucher, 2025.

3 v. (616 p.). – (Série Psicanálise Contemporânea / Coord. Flávio Ferraz).

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2617-8 (impresso)

1. Psicanálise. 2. Mulheres da psicanálise. 3. Spielrein, Sabina, 1885-1942. 4. História da psicanálise. 5. Correspondência psicanalítica. I. Título. II. Série. III. Cromberg, Renata Udler. IV. Mundt, Renata Dias. V. Ferraz, Flávio.

CDU 159.964.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise CDU 159.964.2

Conteúdo

Prefácio	17
<i>Renato Mezan</i>	
Apresentação	37
1. Os diários russos	63
<i>Sabina Spielrein</i>	
2. Uma terapia íntima por imagens: os desenhos de Sabina Spielrein	153
<i>Martina Bortignon</i>	
3. Diários alemães	167
<i>Sabina Spielrein</i>	
4. As cartas entre Spielrein e Jung e Spielrein e Freud	265
5. Spielrein, Freud e Jung: entre judaísmo e antissemitismo	453
<i>Renata Udler Cromberg</i>	

6. Algumas reflexões sobre o esquecimento da obra de Sabina Spielrein <i>Renata Udlér Cromberg</i>	495
Conclusão: a prosseguir.. <i>Renata Udlér Cromberg</i>	579
Referências	593
Posfácio – Memória e devires em Sabina Spielrein <i>Jô Gondar</i>	605

Prefácio

Renato Mezan

“Do alto dessas pirâmides, quarenta séculos vos contemplam”, disse Napoleão, em 1798, aos soldados com os quais pretendia estabelecer a soberania francesa sobre o Egito, então parte do Império Otomano. Ao leitor da monumental pesquisa de Renata Cromberg sobre Sabina Spielrein, que se encerra com este terceiro volume, bem poderia dizer o prefaciador: “De dentro destas páginas, quarenta anos de trabalho se oferecem a você. Aproveite!”.

De fato, o que nossa colega realizou vai muito além do que pretendia com sua tese de doutorado, *O amor que ousa dizer seu nome*, defendida em 2008 no Instituto de Psicologia da USP. É ela que, nas páginas finais deste volume, nos informa: queria expor o pensamento metapsicológico da analista russa, e também se interrogar sobre os motivos do seu “sepultamento” na história da psicanálise. *Sepultamento*, e não mero *esquecimento*, termo que sugeriria algo involuntário e tendo como objeto um fato de menor importância.

Nessas mesmas páginas finais, ela retorna a dois sonhos da época em que estava finalizando a tese: um girando sobre as questões de poder, em especial no movimento psicanalítico, e outro que se passa na aldeia do Ceará em que possui uma casa de praia.

Uma jovem artesã lhe mostra o vestido de renda que ela, Renata, havia costurado, e a informa que as rendeiras mais experientes consideravam muito bom. Sua interpretação: o vestido representava a tese que estava concluindo, e sobre a qual não bastava a aprovação do orientador e dos arguidores dos exames de qualificação, todos homens: era necessária igualmente a “das mães e das filhas, envolvidas num fazer semelhante”.

De fio em fio, as associações a conduzem a uma questão mais ampla, que a meu ver norteará o trabalho como um todo: que motivos dariam conta do ocultamento não apenas da obra de Sabina, mas ainda de todo o grupo de mulheres psicanalistas que – após acerbadas discussões, nas quais aparece indisfarçada a misoginia de muitos analistas homens – acabaram sendo admitidas nas Sociedades da década de 1910? E, alargando o horizonte da pesquisa, o que significava ser mulher naquele momento da vida europeia? Até chegar – via leituras e reflexões – a um problema que atravessa épocas e lugares, e mantém ainda hoje sua relevância: “é possível a uma mulher estar e ser percebida como igual aos homens no espaço público, sem negar o princípio feminino que a constitui como mulher?”

Buscando construir uma resposta a essa questão, Renata desenvolverá o método que chamou “geoarqueológico”. Esse método consiste na contextualização passo a passo das “camadas” que, do mais próximo e imediato ao mais vasto e mediatizado, vão constituindo os fatores que determinam por que os fatos são como são, e não de outra maneira. Como ele a guiou na investigação a que se propôs?

enraizei o pensamento de Sabina e a conjuntura histórico-política em sua vida afetiva e psíquica. Assim, ainda que trazer à luz a metapsicologia singular presente na obra de Spielrein tenha sido meu objetivo central, enraizá-la em seu percurso psíquico e afetivo foi a maneira de [...] manter seu pensamento ligado à seiva

viva de sua vida psíquica subjetiva, subconsciente, subliminar e inconsciente.

A “vida afetiva e psíquica” da analista russa se desenvolve em torno de três figuras centrais: sua mãe, seu pai e Carl Gustav Jung. Um grande mérito do trabalho de Renata – aqui me referindo ao conjunto dele – é ter colocado à disposição do público brasileiro um grande número de fontes primárias, começando pelos diários de Sabina desde que tinha 11 anos (1896) até pouco antes da Primeira Guerra Mundial, passando pela íntegra das cartas que trocou com Jung e com Freud, pelas respostas de ambos, pelas partes da correspondência Freud/Jung que se referem ao caso amoroso entre Sabina e seu ex-analista, e por outros documentos presentes na vasta bibliografia de que se serviu ao longo de quatro décadas.

A descoberta de que existia uma analista chamada Sabina Spielrein, conta Renata, se deu pela leitura de um romance no qual se falava dela e de Jung, e também de um artigo que lhe coube examinar na época em que fazia parte da comissão editorial da revista *Percurso*, no qual Rubens Coura escrevia, sobre a pulsão de morte, que Freud vira nela “a sua sombra”. Intrigada por essa afirmação, e pela leitura do livro de Aldo Carotenuto *Diário de uma secreta simetria*, então recentemente traduzido no Brasil (1984), foi atrás de mais informações, até que se decidiu a fazer uma pós-graduação tendo como tema os escritos da autora de “A destruição como causa do devir”.

Um exame das referências bibliográficas no final deste volume mostra que a partir de meados dos anos 1970 começam a surgir artigos sobre Sabina, logo sucedidos pela obra de Carotenuto, cuja origem Renata narra no Capítulo 1 do primeiro volume na série. Se ainda fosse preciso confirmar minha convicção de que a história da psicanálise tem um forte parentesco com a literatura de capa e espada, ela seria mais uma vez validada pela forma como se tornaram

possíveis as novas pesquisas sobre a analista russa, das quais faz parte a da nossa colega.

Ao retornar à Rússia em 1923, Sabina colocou todos os seus papéis numa mala, que entregou ao professor Édouard Claparède, de quem fora assistente no Instituto de Psicologia de Genebra. Claparède a depositou no porão do Palais Wilson, então sede do Instituto, e lá ela permaneceu até 1977, quando seu conteúdo foi descoberto: 46 cartas de Jung para ela, 21 de Freud também para ela, duas dela para cada um dos dois, o diário de Sabina entre 1909 e 1912 e outros documentos. “Todo este material era completamente desconhecido, [e] resultou no livro *Diário de uma secreta simetria*, marco inicial das pesquisas sobre a vida e a obra da psicanalista pioneira”, escreve Renata no texto mencionado (Cromberg, 2021a, p. 24).

Nos seus diários em russo, podemos ler bastante sobre a família na qual ela nasceu, em 1885, na cidade de Rostov sobre o Don, um porto próximo ao Mar Negro, no sul do então Império Russo. Seu pai, filho e neto de rabinos conceituados e entomologista de formação, tornou-se um comerciante bem-sucedido; a mãe, Eva, formou-se em Odontologia, tendo exercido a profissão até 1903. Judeus assimilados à cultura russa, que no entanto mantinham alguns costumes tradicionais – nos diários há referências ao aniversário de Eva, “que vai ser logo após a festa de Pessach”,¹ e com 12 anos Sabina fez seu *bat-mitzva*² –, Nikolai e sua esposa buscavam dar aos filhos uma educação laica, da qual faziam parte o hábito de falar com eles em alemão e francês, e a ênfase no aprendizado da música.

A exigência de desempenho escolar máximo atravessa os diários da menina, sempre preocupada com a reação do pai se tirasse notas inferiores ao nosso 10. Nos registros feitos por Jung quando

1 A Páscoa judaica, na qual se relembra a saída do Egito.

2 Cerimônia que assinala a maioridade religiosa de uma menina (Cromberg, 2021a, p. 39).

ela se interna no Burghölzli, há referências a surras dadas por ele, que muito a envergonhavam, porque percebia o caráter erótico de que elas se revestiam para Nikolai.³ Esses traumatismos, assim como a morte da avó querida e da sua irmã menor com apenas 6 anos, são descritos por Sabina como “o início da minha doença”.

Já antes de se tratar na Suíça, ela e a mãe haviam frequentado os banhos de Karlsbad, ocasião na qual conhece Berlim e outras partes da Alemanha, bem como da Áustria. Nasce aí uma enorme idealização da civilização germânica, que a adolescente contrasta com os costumes russos: “[os alemães] são pessoas vívidas, solícitas, divertidas e gentis, e de forma alguma ignorantes”; sobre Berlim, “nunca vi algo semelhante [...] Em todo lugar há uma limpeza extraordinária, e uma arquitetura maravilhosa. Berlim é uma cidade grande, limpa e esplêndida, com caminhos de asfalto, ruas amplas e os mais esplêndidos edifícios”.⁴

O bom conhecimento da língua alemã, e o fato de que muitos jovens russos iam estudar na Suíça, devido às condições favoráveis que cidades como Zurique, Lausanne e Genebra então lhes ofereciam, faz com que os pais de Sabina decidam enviá-la ao Burghölzli, para se tratar das manifestações de nervosismo, irritabilidade, recusa em falar e, por vezes, reações violentas, que começa a apresentar no início de 1904. Diagnosticada como histérica, ela é confiada a Jung, que acabava de receber sua autorização para atender pacientes também em clínica particular.

Uma transferência amorosa de grande intensidade se estabelece logo de saída, resultando numa rápida melhora dos sintomas neuróticos da jovem. A análise se estende por cerca de um ano e

3 Registro de 08.01.1905, *apud* Covington e Wharton (2003). A referência, neste volume, encontra-se no artigo de Martina Bortignon, “Uma terapia íntima por imagens: os desenhos de Sabina Spielrein”.

4 Diário russo II, entrada de 25.06.1901. Sabina tem então 16 anos.

meio, cobrindo inclusive o início dos seus estudos de Medicina e um pouco adiante. Esta pode ser dita a experiência mais relevante em toda a existência de Sabina, determinando os rumos que ela tomará nas décadas seguintes.

O amor por Jung, não retribuído por ele nessa intensidade a não ser em alguns momentos da relação, coloca à altiva moça uma série de dilemas insolúveis, que ocupam boa parte dos últimos diários em alemão, e naturalmente formam o tópico principal nas cartas que troca com seu ex-terapeuta. Entre os exemplos que podem ser encontrados quase a cada página do presente volume, cito alguns:

eu o amo de forma tão intensa, que pareço perceber algo que não existe, por exemplo que o senhor me despreza, que o senhor não quer que eu rasteje até si [...] Isso gera uma tempestade de sentimentos e de autotortura [...]. Eu estaria agora firme, mesmo sem o senhor, mas se sentimos um amparo, nos tornamos muito mais seguros. (carta de 30.08.1906)

sobre meus sentimentos para com o senhor, o senhor não pode dizer uma palavra a ninguém. O mais importante para mim é que o senhor deva ser o mais perfeito possível, e portanto os pensamentos que indicam o oposto são para mim os mais terríveis. (carta de 29.08.1906)

quero ter à minha volta pessoas inspiradoras... quero ensinar aos meus discípulos o grande amor verdadeiro. (carta de 21.09.1909)

o amor do meu amigo se apoderou de mim [...] como eu poderia me defender dessa força selvagem? (diário, entrada de 23.09.1909)

Em resumo, pode-se dizer que nem ela nem ele estavam preparados para tamanho *tsunami* emocional: ela porque essa transferência incandescente não foi analisada; ele porque, não tendo sido analisado nem na época em que atendia Sabina nem depois, e vindo a manter com Freud a relação ambivalente e tempestuosa que se sabe, nunca conseguiu vencer suas resistências a encerrar de uma vez por todas o vínculo ambíguo que mantinha com sua primeira paciente – em parte “amizade”, em parte terapia recíproca, em parte *Poesie*, como ambos chamavam os momentos abertamente eróticos da relação.

A posição ímpar que ele veio a ocupar no movimento psicanalítico – “delfim” e “príncipe herdeiro” de Freud, que via nele a chance de sua disciplina não ficar confinada ao estreito círculo de judeus vienenses reunidos na Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras – virá a envolver Sabina nos meandros da relação entre ambos. Ela é personagem constante na correspondência Jung/Freud, aparecendo já na carta 4J, de 23.10.1906, como “um caso difícil, doente há 6 anos”, e retorna em cerca de trinta outras, especialmente a partir do momento em que Sabina escreve ao Herr Professor pedindo permissão para lhe contar os problemas que vinha tendo com seu discípulo suíço.⁵

Atenta a cada detalhe do material que nos traz, Renata é de opinião que as relações sexuais efetivas entre eles só começaram anos depois de encerrada a terapia formal, ou seja, Jung pode ter sido adúltero (como foi até o final da vida, mantendo em casa sua amante Antonia Wolff), mas não cometeu a infração ética de dormir com sua paciente de análise. Essa fase teria ocorrido entre 1909

5 Editadas e anotadas por William McGuire, as cartas são numeradas consecutivamente e seguidas pelas letras F ou J, segundo sejam escritas por Freud ou por Jung. Cf. (1974). *The Freud/Jung Letters*. Hogarth Press and Routledge & Kegan Paul.

e 1910, e levou Emma Jung a escrever uma carta anônima à mãe de Sabina, prevenindo-a de que o doutor “poderia arruinar sua filha”.

Eva escreve a Jung, que lhe responde de uma forma que suscita indignação na sua amante: diz que sempre quis o bem dela, que nunca cobrou honorários por seus atendimentos, e que se tivesse feito isso não teriam chegado aonde chegaram, porque o médico se sentiria impedido de ultrapassar os limites éticos de quem é pago por seus serviços. Sem corar, sugere que dali por diante os pais de Sabina o remunerem com dez francos suíços por consulta.

A desfaçatez da resposta parece ter persuadido Sabina – que pouco antes havia escrito à sua mãe que ele a amava “verdadeiramente” – de que Jung não se separaria de Emma e dos filhos para ficar com ela. Surgem então sob a sua pena frases como “ele pode aparecer abertamente com sua esposa, e eu devo me esconder em cantos escuros [...] eu desejo do fundo da minha alma que meu amigo me respeite profundamente [...] não quero ser uma entre tantas, algo paralelo”, e outras semelhantes. Porém logo depois o lado apaixonado retoma a frente da cena, mantendo-a numa oscilação afetiva que a desespera cada vez mais: “quero me libertar dele [...]. Quero viver ainda, e ser feliz!” (Diário, entrada de 24.10.1910). Ou ainda: “existe a possibilidade de *Poesie* com o meu amigo, mas por outro lado meu orgulho se opõe a tais pensamentos. Por quê? Porque eu não posso ser ‘algo paralelo’” (Diário, entrada de 26.11.1910).

Sabina se decide então a pedir ajuda a Freud, primeiro de modo velado, depois abertamente:

há quatro anos e meio, o Dr. Jung foi meu médico; depois, se tornou meu amigo, e por fim, “poeta”, ou seja, amante [...]. Agora, porém, minha mãe recebeu uma carta anônima, escrita em bom alemão, a qual diz que ela precisa salvar sua filha, pois caso contrário ela

poderia ser arruinada pelo Dr. Jung. (carta a Freud de junho de 1909)

Freud se mostra pouco disposto a intervir no assunto, e na resposta afirma que não pode imaginar o dr. Jung se envolvendo em algo “leviano”. Aos poucos, porém, percebe que há algo muito grave na história, e à medida que as relações entre ele e Jung se azedam por motivos tanto científicos quanto pessoais, começa a duvidar da inocência do seu Josué.

Mais além do significado pessoal de todo esse assunto para Freud, para Jung ou para Sabina, o entendimento de Renata quanto a ele me parece constituir uma das teses centrais do seu livro. Ela fala em três desdobramentos importantes:

- a) participar desse episódio teve consequências, para Freud, nos chamados escritos técnicos dos anos 1912-1914, em especial nas “Observações sobre o amor de transferência”. Quais consequências? Se até então ele julgava que para se tornar analista bastava ao médico analisar seus próprios sonhos, com o que ganharia um acesso razoável ao seu inconsciente, agora a recomendação é para que ele faça um tratamento, em regra, com outra pessoa. Recomendação essa que acabará por se impor como uma das pernas no famoso tripé da formação, e mesmo como a principal delas: a exigência de uma análise pessoal tão profunda quanto possível, de modo a permitir ao futuro analista se tornar suporte de afetos transferenciais violentos sem incorrer em atuações narcísicas, provenientes da sua contratransferência.
- b) permitiu a ela, Renata, compreender qual era o lugar da violência na relação com Jung: não tanto na “Poesia”, que é várias vezes descrita como agradável, terna, satisfatória etc., mas na maneira ambígua, e mesmo digna de repulsa, como Jung se comporta quanto a ela junto a Freud, à mãe dela, à sua esposa, e, claro, frente à própria Sabina.

- c) como pano de fundo da redação de “A destruição como causa do devir”, o texto mais importante escrito por Sabina na época em que buscava ser admitida na Sociedade Psicanalítica de Viena, a relação com Jung pode iluminar algumas das ideias nele contidas. Com efeito, o ponto de partida do artigo é a angústia despertada na mulher pela penetração sexual, e nele são abordadas questões como a loucura amorosa e a fusão erótica entre os parceiros. Indaga-se Renata:

Como uma moça de 24-25 anos poderia escrever tão profundamente sobre a questão se não tivesse se envolvido também profundamente, corpo, alma e psiquismo, com essa angústia? Sabina diz também, em seu diário, que Jung havia sido o seu primeiro amor juvenil, o primeiro a quem se teria entregue. Se a escritura desse ensaio [...] é a elaboração do luto pelo filho real que desejava ter com Jung, sendo que seu diário mostra seu desejo de encontrar um outro homem com quem pudesse viver esse amor com exclusividade, com quem mais haveria de ter tido uma relação sexual com penetração?

O Capítulo 4 do presente volume, intitulado “As cartas entre Spielrein e Jung e Spielrein e Freud”, vai fundo na análise das relações entre a estudante de Medicina e o terapeuta que julga estar ajudando sua ex-paciente, ao manter com ela uma relação que vai do apoio a seus projetos científicos e profissionais aos embates amorosos nas tardes de *Poesie*. Comentando as hipóteses de vários pesquisadores (Carotenuto, Covington, Lothane etc.) sobre o relacionamento entre eles, assim Renata sintetiza sua própria opinião:

Seu amor-paixão a deixa totalmente vulnerável à ambivalência de Jung entre a ideia da poligamia ou do

amor total sem travas burguesas [...] e seu casamento monogâmico de filisteu suíço. [...] Tudo o que Sabina queria era que Freud e Jung reconhecessem que havia existido o amor erótico dele por ela, e não apenas o dela por ele, mesmo que [esse amor erótico] já tivesse terminado. [...] Mas Jung não assume seu amor por ela, mesmo que temporário, nem seus conflitos em relação a isso, nem mesmo sua demanda de análise, que havia transferido para ela.

Segundo ela, é somente com as cartas finais (entre 1917 e 1918) que Sabina vem a se desvencilhar dos resíduos transferenciais, finalmente encerrando sua análise (há muito tempo informal, claro) com Jung. Nesse período final, cinco tópicos puderam ser elaborados:

- localizar-se em relação à ruptura de Freud com Jung;
- liquidar seu “complexo Siegfried”, ou seja, a ideia de ter com ele um filho real, e depois um filho simbólico;
- que Jung reconhecesse como válida sua metapsicologia, baseada na primeira tópica de Freud, porém incorporando várias ideias dele;
- entender seu dilema entre ser música ou psicanalista;
- e o mais importante: o que ela havia significado para Jung.

Do lado dele, a elaboração do episódio depressivo que se seguiu à ruptura com Freud, e que tomou vários anos da Primeira Guerra Mundial, lhe permitiu transfigurar a importância emocional que Sabina tivera para ele num conceito fundamental do seu sistema de psicologia: o de *anima*. Na penúltima carta de Jung, ele finalmente reconhece – a meias, é verdade – que ela fora muito importante na sua vida:

O amor de S. por C. (sic) conscientizou este último de algo que anteriormente ele apenas pressentia de forma indistinta, a saber, um poder do inconsciente determinante para o destino que o levou posteriormente a coisas mais relevantes. A relação teve de ser “sublimada”, pois, caso contrário, ela teria levado à cegueira e à insanidade (concretização do inconsciente). Às vezes, é preciso ser indigno para poder viver.⁶

Nossa autora também se aprofunda no contexto institucional que preside a admissão de Sabina como membro da Sociedade Psicanalítica de Viena, a saber, o conflito entre Freud e Adler (mais do que entre Adler e Freud, segundo a sua interpretação), que ocupou todo o ano de 1911.

Esse conflito dilacerou a Sociedade vienense e levou à saída, entre outros, da primeira mulher a ser aceita como membro dela, a médica Margarete Hilferding. Ele dá o tom da briga seguinte, que oporá Freud a Jung e resultará na renúncia deste a participar das instituições analíticas (fora o editor do *Jahrbuch*, a primeira revista psicanalítica, e, em 1913, eleito presidente da IPA), e posteriormente a abandonar de vez o grupo em torno de Freud.

Para além da parte da história da psicanálise que se ocupa com as pessoas e as instituições, há a história das ideias e teorias, e a história das práticas clínicas. O episódio Jung impactou também estas, e de modo contundente, como fica claro nos trechos deste volume em que Renata aborda o livro a que Freud se dedicou entre 1913 e 1914 – *Totem e tabu*, com seu “mito científico” sobre o assassinato do pai primitivo – e a inversão de 180 graus na atitude dele quanto ao que devia ser a organização do seu grupo de discípulos.

6 Carta de 01.09.1919, aspas no original.

O ponto comum a essas duas questões aparentemente distantes seria o complexo paterno de Freud, que ela discute a partir de um artigo de Claude Le Guen, “Quando o pai tem medo”, publicado em 1972 na revista *Etudes Freudiennes*, dirigida por meu professor Conrad Stein (Le Guen, 1972, pp. 41-50). Segundo o método geoarqueológico, a camada em questão é a denegação do feminino na teoria psicanalítica até o final da década de 1910. Ela teria sido um fator importante “no soterramento histórico e na supressão da obra dela e de Margarete Hilferding, as duas únicas mulheres a frequentarem as reuniões da Sociedade Psicanalítica de Viena”.

Não é mera coincidência que logo após as rupturas com Adler, Stekel e Jung Freud escreva os artigos ditos técnicos, sobre os quais já falamos, *Totem e tabu*, e a *História do movimento psicanalítico*. Em seu artigo, Le Guen sustenta que esses três textos têm como alvo aberto ou velado estabelecer a centralidade da figura de Freud como Pai Fundador tanto da psicanálise quanto do movimento destinado a preservá-la e aprofundá-la. A crença inabalável dele na realidade do assassinato do pai da horda, reiterada em diversos textos dos anos vinte e trinta, a descrição sempre igual da sequência de atos, a devoração do pai, o pacto entre os irmãos, são para Le Guen suficientes para se falar num verdadeiro fantasma inconsciente de Freud, não analisado, e que serviu de fundamento para vários conceitos importantes da sua teoria, como o de traumatismo sexual e o de fantasias originárias.

Do ponto de vista político, o mesmo autor assinala uma virada de 180 graus na maneira como Freud concebe seu grupo de discípulos antes e depois das rupturas. Se até então ele insiste no caráter informal das reuniões de quarta-feira, inclusive dos três dias em Salzburgo que vieram a ser considerados como o Primeiro Congresso Internacional – “não há presidente, nem secretário, nem tesoureiro, nem mesmo ordem do dia” (Le Guen, 1972, p. 44) –, dois anos depois, em Nuremberg, o vemos pressionando, através

de Ferenczi, no sentido de uma estrutura rígida, que alijaria dos postos de comando os vienenses e instalaria no topo da hierarquia o então predileto Jung.

O resultado, como se poderia esperar, foi desastroso, obrigando Freud a fazer concessões aos discípulos mais antigos, como a fundação de uma revista vienense a ser dirigida por Stekel, e outras. As rivalidades se acentuam, e Freud vai aos poucos assumindo efetivamente o papel de comando que atribuía ao pai da horda, termo, aliás, pelo qual designa seus seguidores em cartas a alunos mais íntimos, como Ferenczi e Abraham. Todo esse processo se passa, tanto na fantasia pré-histórica dele quanto na realidade concreta do movimento, exclusivamente entre homens: Renata tira grande proveito de uma observação de Le Guen, segundo a qual as mulheres não exercem no mito freudiano qualquer papel ativo: são apenas a “justificação inicial para a ação”.

Essa peculiaridade da situação imaginada por Freud no início da civilização encontra eco em outros pontos da sua doutrina, entre eles a concepção do amor de transferência como provindo de uma paciente feminina e dirigido ao médico homem. Na realidade, ele oscilava entre uma visão da sexualidade feminina como reprimida pela moral e pelos “bons costumes”, resultando regularmente em neuroses mais graves ou menos, e outra, mais próxima dos fantasmas da época sobre a mulher, expressos muitas vezes na literatura de Maupassant, Schnitzler e outros autores que ele apreciava bastante, e cujas obras eram com frequência discutidas nas reuniões em seu consultório.

Renata recorre então a uma especialista na cultura *fin-de-siècle*, Mireille Dottin-Orsini, cujos estudos sobre as fantasias masculinas em torno da mulher cita em detalhe, por exemplo, as diferentes figuras de Salomé, que junto de Messalina acaba por ser considerada imagem arquetípica da mulher destruidora de homens. Essa visão é corroborada pelo livro de Otto Weininger. *Sexo e caráter*,

publicado em 1903, no qual o jovem escritor derrama preconceito atrás de preconceito, antes de se tornar uma espécie de herói por ter se suicidado aos 23 anos.

Todas essas linhas misóginas de pensamento se reencontram entre os primeiros analistas, como se depreende das *Atas da Sociedade Psicanalítica de Viena*, que Otto Rank redigiu escrupulosamente entre 1908 e 1914. Outra história de capa e espada envolve essas 1.600 páginas, mas narrá-la aqui nos levaria mais longe do que desejamos. Basta dizer que sua publicação depois da Segunda Guerra Mundial abriu novas perspectivas para a historiografia da psicanálise, inclusive aqui no Brasil: na PUC de São Paulo, tive oportunidade de orientar duas dissertações de mestrado que tomaram como base os debates ali registrados.⁷

Comentando os trabalhos da especialista francesa, Renata traz para o seu texto um argumento importante, tanto sobre a denegação do feminino nas teorias analíticas anteriores a 1920 quanto sobre o papel silenciador da centralidade da figura paterna no Édipo na compreensão do feminino. A própria teoria freudiana tem uma resposta que será desenvolvida na década seguinte, na qual mulheres como Melanie Klein, Karen Horney, Helen Deutsch, Ruth Mack Brunswick e Anna Freud passam a ter voz ativa nos debates sobre a sexualidade feminina. Trata-se dos conceitos de bissexualidade e de complexo de castração, sobre os quais lemos páginas essenciais mais para o fim do livro, inclusive sobre em que ponto estava o debate a respeito do papel da sexualidade nas neuroses quando Sabina dá entrada no hospital Burghölzli, em 1904, e começa a ser

7 A de Flávia Ripoli Martins foi publicada pela editora Blucher, em 2023, com o título de *Histórias da margem: lésbicas, gays e os primeiros psicanalistas*. A de Isabela Andres, *Vozes emergentes: o percurso das primeiras analistas pelas Atas da Sociedade Psicanalítica de Viena*, tem uma tabela ilustrativa citada na coletânea *Mulheres pioneiras da psicanálise*, organizada por Fátima Caropreso e Renata Cromberg e publicada pela Autêntica (Belo Horizonte, 2025).

tratada por Jung pelo método freudiano (ou o que se sabia dele naquele momento). Data de então o artigo “O método psicanalítico de Freud”, no qual ele explicita seus princípios e dá uma ideia de como podem ser utilizados concretamente numa psicoterapia.

A entrada de Sabina Spielrein e de Margarete Hilferding na Sociedade Vienense de Psicanálise se dá no “cenário de guerra” sobre essas questões, a da ginecologista em janeiro de 1911, a da jovem russa em novembro. Como a saída de Adler e dos que o acompanharam se deu antes da conferência dela, Sabina não teve ocasião de a encontrar. Sua palestra – um resumo do artigo “A destruição como causa do devir” – teve uma acolhida “morna”, no dizer de Renata, mas foi considerada excelente por Freud, que não se privou de a elogiar em carta à ex-paciente de Jung. É nessa conferência que Sabina menciona pela primeira vez a noção de um instinto de morte, que no momento não parece em absoluto herética a Freud.

Se juntarmos os “fios de renda” que vimos tecendo nas últimas páginas, o desenho que se forma é o de uma Sabina feliz por ter sido aceita na Sociedade de Viena, que, no entanto, se afasta das querelas que a dominavam, e surpreende Freud com a notícia do seu casamento na Rússia. Ela decide dar um tempo em sua relação com Jung, e acaba se casando em Rostov. Após um tempo na atmosfera sufocante da Rússia czarista, o casal se muda para Berlim, onde já viviam seus irmãos Jan e Izaak. Durante os dois anos e pouco em que permaneceu na capital alemã, ela publica onze trabalhos psicanalíticos, que podemos ler no volume 2 da série organizada por Renata. Mas não conseguiu se aproximar de Karl Abraham, o líder do grupo freudiano na Alemanha, que detestava Jung e não fez muito para ajudar a recém-chegada, cuja relação com o ex-terapeuta co-nhecia desde sua residência psiquiátrica no Burghölzli.

Sobrevém a Primeira Guerra Mundial, e com ela dificuldades de todo tipo para Sabina. Seu marido é convocado pelo exército imperial russo, e ela não consegue pacientes suficientes para se

manter, necessitando da ajuda da mãe, que vem passar alguns meses em Berlim com ela e com a neta Renata, nascida em dezembro de 1913.

Os primeiros capítulos do volume 2 de *Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise* retratam essa época e a seguinte na vida de Sabina, que se refugia em Lausanne e passa cinco anos ali. O que nos interessa ressaltar no presente Prefácio é a famosa citação do seu trabalho de 1911 numa nota de rodapé de *Além do princípio do prazer*, que segundo Renata dá início não à integração, mas ao sepultamento da contribuição da analista russa para a psicanálise, começando pelas reservas com que Freud menciona sua precedência na questão da pulsão de morte (“num trabalho infelizmente não de todo transparente para mim...”).

Essa reticência se cruza com o retorno de Sabina para a Rússia, onde num primeiro momento a revolução comunista considera a psicanálise como aliada possível na construção do novo mundo e do novo homem socialista. Como a mais preparada dos analistas russos da época – talvez só igualada por Moisés Wulff, que se formara em Berlim antes da guerra –, ela se destaca no trabalho com crianças, tanto no lado educativo (o jardim de infância psicanalítico pilotado por Vera Schmidt e seu marido) quanto pelo atendimento de alguns pequenos pacientes.

Sua contribuição importante, nesse momento, me parece consistir menos na proposta de uma metapsicologia própria, que além de integrar elementos do pensamento de Jung teve o azar de ser obscurecida pela tremenda novidade da segunda tópica (*O Ego e o Id*) e mais nas observações clínicas que faz com sua filha Renata, que geram artigos de grande perspicácia e sensibilidade. Há um consenso entre os pesquisadores, inclusive Renata Cromberg, de que o principal deles é “A origem das palavras infantis ‘papai’ e ‘mamãe’: algumas observações sobre diversos estágios no desenvolvimento da linguagem”, de 1922, que demonstra seu conhecimento

tanto da mente infantil quanto das investigações linguísticas em curso na época, especialmente em Genebra, onde viveu até 1923.

O último tópico a mencionar neste prefácio é o Capítulo 5 do livro, “Spielrein, Freud e Jung: entre judaísmo e antissemitismo”, no qual mais uma vez Renata nos apresenta uma fonte primária da maior relevância: a conferência de Jörg Rasche, analista alemão e junguiano, no congresso internacional de Berlim (1907). O contexto é aqui o das atividades de Jung como presidente da Associação Internacional de Psicoterapia, entre 1933 e 1940, quando ele finalmente se demite do posto ao ficar claro que a entidade iria se nazificar por completo, sob o comando de Mattheus Göring, primo do marechal e herdeiro presuntivo de Hitler.

Por ingenuidade na melhor das hipóteses, e por um certo oportunismo a crer em visões menos favoráveis, Jung acabou se envolvendo numa triste aventura, da qual poderia muito bem ter se poupado. O fato é que, tendo se tornado presidente da associação e diretor da sua revista, ele deu entrevistas e escreveu artigos francamente favoráveis à ideologia nazista, o mais explícito tendo sido “A situação atual da psicoterapia”, de 1934, que Renata comenta a partir da transcrição em Elizabeth Roudinesco, “Carl Gustav Jung: do arquétipo ao nazismo” (Roudinesco, nov. 1999).

Nesse texto, Jung afirma uma série de absurdos, dos quais cito alguns:

Ainda jovens, os povos germânicos podem produzir novas formas de cultura, e esse futuro encontra-se ainda adormecido no inconsciente obscuro de cada ser [...]. O judeu, que tem algo de nômade, nunca produziu e sem dúvida nunca produzirá uma cultura original, porque seus instintos e seus dons exigem, para desabrochar, um povo de hospitalidade mais ou menos civilizada. É por essa razão que, de acordo com a minha experiência, a

raça judaica possui um inconsciente que só em certas condições pode ser comparado ao inconsciente ariano. [...] O inconsciente ariano tem um potencial superior ao inconsciente judeu: tal é a vantagem e o inconveniente de uma juventude ainda próxima à barbárie. O grande erro da psicologia médica foi o de querer aplicar sem discernimento as categorias judaicas – que não são nem mesmo válidas para todos os judeus – aos eslavos e aos alemães cristãos. Como consequência, só viu naquilo que há de mais precioso e íntimo nos povos germânicos – sua alma criadora e intuitiva – profundezas infantis e banais.

Essa fase infeliz de Jung marcará pesadamente sua vida nos anos do pós-guerra, e de modo geral o movimento da psicologia analítica. O que faz o dr. Rasche em sua conferência *Tentar compreender não é o mesmo que perdoar* é realizar um mergulho nas condições da época e nas alternativas que poderiam ter sido seguidas frente à tentativa nazista de criar uma “psicologia ariana” com base no sistema junguiano. É uma leitura que merece ser feita com atenção, como aliás a de outros documentos preciosos que Renata coloca à nossa disposição.

Para não deixar de lado a atitude dos psicanalistas, capitaneados por Ernest Jones no que se chamou de “tentativa de salvar a psicanálise na Alemanha”, ela nos apresenta também o que foi a política da IPA – de apaziguamento frente às investidas hitleristas – que Freud desaprovava, mas contra a qual não fez nada, preocupado como estava com o que considerava ameaças internas ao seu próprio movimento, como a do freudo-marxismo e a das ideias de Wilhelm Reich. Seu comentário resume a situação:

esses homens [os analistas que colaboraram com os nazistas] se desonraram ao colaborar para uma destruição

que viria de qualquer maneira, mas que teria sido preferível que acontecesse sem a sua colaboração.

Com essas observações, espero ter contribuído para despertar o interesse do distinto leitor por este terceiro volume da série pensada por Renata Cromberg. Ao que eu saiba, não existe nada semelhante em outras línguas: ela já nasce clássica, um instrumento de pesquisa indispensável daqui por diante, e que realiza com excelência o seu desejo de transmissão, do qual fala nas últimas páginas do volume:

transmissão de um saber de mulher para mulher, de mãe para filha, no caso do fazer renda. [...] A transmissão só faz sentido quando se torna desejo de transmissão, quando podemos enxergar nossa obra como um ponto de renda, um elo na trama interminável da rede/renda do fazer cultural humano ao longo das gerações.

O que ela realizou foi muito além do seu projeto original, que consistia em traduzir o texto sobre a destruição e o fazer acompanhar de um pequeno ensaio sobre a autora. Sonhar alto deu resultados: a série de pesquisas que menciona no fim do livro, das quais participou de uma forma ou de outra, mostra que conseguiu criar um campo de investigação na cultura brasileira, a ser cultivado por outras e outros analistas, por historiadores da psicologia e por quem mais se interessar pela obra da psicanalista pioneira que ela ajudou a tirar do silêncio.

Como dizíamos nos anos 1970, quando boa parte dos que lerão seu livro ainda não havia nascido, e nos quais se iniciou uma amizade que já dura cinco décadas: “falou e disse”.

Boa leitura!

Apresentação

Este livro traz o começo da escrita de Sabina Spielrein (Rostov sobre o Don, 1885-1942) por meio de seus quatro diários russos, apresentados no primeiro capítulo. O segundo capítulo é de autoria de Martina Bourtignon e apresenta e analisa os desenhos feitos por Spielrein em sua internação em Burghölzli, nos seus diários russos, em 1904. O terceiro capítulo é composto pelos quatro diários alemães. O quarto capítulo apresenta três momentos da correspondência de Sabina Spielrein. O primeiro é a correspondência entre Sabina Spielrein e Carl Gustav Jung de 1904 a 1912. Essa correspondência e o diário alemão de 1909 a 1912 constroem a narrativa dessa relação triangular que tantos efeitos teria nos desdobramentos teóricos da psicanálise e na ruptura entre Freud e Jung e na separação entre Spielrein e Jung. O segundo momento é sua correspondência com Sigmund Freud de 1909 a 1914. O terceiro momento é a correspondência entre Sabina Spielrein e Carl Gustav Jung entre 1917 e 1919, precioso documento sobre o final da relação entre Jung e Freud e as divergências entre eles, bem como a tentativa de Spielrein de reconciliá-los e também expor seu próprio pensamento. Um quinto capítulo, a partir das cartas trocadas, dá

destaque às considerações desses personagens intelectuais, Spielrein, Freud e Jung, sobre o judaísmo e o antissemitismo. Por fim, o sexto capítulo apresenta as razões do esquecimento do pioneirismo de Sabina Spielrein por sessenta anos.

Com este terceiro volume, conclui-se o projeto de publicação da obra pioneira de Sabina Spielrein e o enquadre dessa obra realizado por mim por meio da minha tese de doutorado *O amor que ousa dizer seu nome: Sabina Spielrein – pioneira da psicanálise* (2008) e de meu pós-doutorado *Sabina Spielrein e a origem da linguagem infantil* (2017) no Departamento de Psicologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

A correspondência e os diários alemães confirmam o quanto a escrita de Sabina Spielrein foi efeito do fim de sua análise com Carl Gustav Jung (1865-1961). Sigmund Freud (1856-1939) interferiu na relação entre Jung e Sabina de uma forma que permitiu a ela transferir seu desejo erótico para a escrita de sua própria “*poesie*”, sua obra. Essa era a metáfora que adotava quando queria falar de seus encontros amorosos e de intercâmbio intelectual com Jung, como vemos na sua correspondência e em seu último diário. Após sua análise, tornou-se médica, psicanalista, membro da Sociedade Psicanalítica de Viena e, depois, da Sociedade Psicanalítica de Moscou, pesquisadora e escritora de 1910 a 1931. Em meu trabalho de reflexão, a história de vida de Sabina Spielrein em seu percurso psíquico, emocional, profissional e social e as condições históricas, sociais, institucionais e culturais de seu tempo, que contribuíram para o esquecimento de sua obra e de sua importância para a psicanálise, proporcionaram a moldura daquilo que pretendo destacar: *a importância de sua obra pioneira*. Tornar-se autora, ser escritora da própria vida implica uma transformação da pulsão e das marcas erógenas: deixar de ser corpo-objeto da escrita do pai para ser escritora da própria vida. A função abstrata do pai pode aparecer quando podemos escrever em nome próprio, assumindo a própria

vida, ecoando a própria palavra internamente e para as gerações seguintes, possibilitando subjetivação, diferenciação e singularização. Esses primórdios de sua escrita apresentam o trajeto de Spielrein rumo à sua autonomia.

O Volume 1 destas Obras Completas traz os três primeiros ensaios de Spielrein e uma carta. Nesse primeiro período, seu lugar de pioneira surgiu ao formular: 1) em *Sobre o conteúdo psicológico de um caso de esquizofrenia*, de 1911, por meio da análise do discurso de uma paciente esquizofrênica, que seu conteúdo tinha um sentimento afetivo sexual. Com isso, tornava-se parte da Psiquiatria Nova, psiquiatria dinâmica influenciada pela psicanálise e que tinha em Eugen Bleuler (1857-1939) seu principal expoente; 2) em *A destruição como origem do Devir*, de 1912, a existência do componente destrutivo da pulsão sexual, afirmando, nove anos antes de Freud, a existência de uma pulsão de morte que produzia dinamicamente a transformação, o devir e, estaticamente, o masoquismo primário, o gozo na dor; 3) em “A sogra”, de 1913, uma formulação sobre o masculino e o feminino e a empatia materna; 4) na carta a Jung, de 20 de dezembro de 1917, uma metapsicologia psicanalítica própria, baseada principalmente em Freud.

Já o Volume 2 destas Obras Completas traz a contribuição pioneira de Sabina Spielrein no campo da origem da linguagem, do pensamento e da imagem corporal e visual na constituição do processo de simbolização e no campo da psicanálise com criança. São 31 escritos que completam a publicação em português da obra de Sabina Spielrein, que tem a publicação de seus três primeiros ensaios no Volume 1 destas Obras Completas. A obra escrita e publicada de Sabina Spielrein, portanto, compõe-se de 34 textos conhecidos até agora que foram todos traduzidos, junto com os diários e as cartas, por Renata Dias Mundt. Eles são acompanhados de ensaios que situam o ambiente em que foram escritos, sua posição geográfica no trajeto da sua história pessoal e familiar, bem

como da história das instituições psicanalíticas, educacionais e de saúde nas quais trabalhou em Berlim, Lausanne, Genebra, Moscou e Rostov-sobre-o-Don, além de algo sobre a história política do período que abrange sua vida como psicanalista e médica, durante a qual escreveu. Ao final, são apresentadas reflexões sobre a contribuição pioneira de Sabina Spielrein.

Sabina Spielrein no Brasil em 1926

Foi ao final da escrita deste volume que recebi uma carta de Graça Bandeira sobre a presença de Spielrein no trabalho do psiquiatra nordestino Arthur Ramos. Bandeira é uma das articuladoras do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Produção em Psicanálise, História e Contemporaneidade do Casario – Espaço Psicanalítico de João Pessoa, no Estado da Paraíba. Esse núcleo começou suas atividades estudando Sabina Spielrein e hoje, já com mais de dez anos, pesquisa os arquivos da história da psicanálise na região Nordeste do Brasil. Reproduzo a carta na íntegra:

Intermares, 7 de abril de 2024.

Querida Renata

Você sabe que nós, aqui do EPSI-Espaço Psicanalítico – através do NUPSIH – Núcleo de Estudos, Pesquisa e Produção em Psicanálise, História e Contemporaneidade –, vimos pesquisando sobre a psicanálise no Nordeste desde 2018 devido à construção do Arquivos Psicanálise no Nordeste – pesquisa e produção.

Pois bem, na coleta de informações para o Arquivos, deparei com a tese de doutorado Primitivo e Loucura, de Arthur Ramos de Araújo Pereira, apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia, em 30 de outubro

de 1926. A psicanalista e autora Marialzira Perestrello, em seu texto Primeiros Encontros com a Psicanálise no Brasil (1899-1937), apresentado em 1985 no I Simpósio do Departamento de Pesquisa da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, diz que essa tese de Arthur Ramos recebeu o Prêmio Alfredo Brito (instituído pela Congregação de Medicina da Bahia em 1916, oferecido ao formando com maior destaque na área científica durante o curso médico); que foi comentada em revistas francesas, americanas e argentinas de Neurologia e Psiquiatria, e que o próprio Freud escreveu ao autor da tese elogiando-a.

Mas, o que me motivou a lhe escrever sobre essa tese do Arthur Ramos é uma referência que ele faz à Sabina Spielrein no capítulo IV – Os distúrbios psychicos da linguagem no alienado e no primitivo. Particularmente no item A Função Primitiva da linguagem e as doutrinas psychanalyticas – Theoria Mme. Spielrein.

Citando Freud, Ferenczi, Jones e Mme. Spielrein, afirma Arthur Ramos que “a linguagem não tem só por função comunicar o pensamento. Os psychanalystas demonstram que no início a palavra estava intimamente ligada à acção, e teriam assim uma espécie de existência objectiva, como as coisas concretas”.

E, mais adiante, referindo-se diretamente à Spielrein, embora através da escrita de Piaget, diz: “Mme. Spielrein, citada por Piaget tentou provar que as syllabas de que se serve o bébé para designar sua mãe, em grande número de línguas (mama) são formadas de labiaes que testemunham um simples prolongamento do acto da sucção. Mama seria, pois, grito de desejo, depois

uma ordem dada ao ser que só pôde permitir satisfazer este desejo. Mas de outra parte só o grito mama traz de alguma sorte uma aquietação: visto que é uma continuação do acto de mamar, procura uma maneira de satisfação alucinatória. A ordem e a satisfação imediata estão, pois, aqui quase confundidas, e não se pôde saber quando a palavra serve de ordem verdadeira e quando desempenha seu papel quase magico, tão entremeiados são esses dois momentos”.

*Arthur Ramos, que era atualizado com a teoria psicanalítica freudiana, devia estar a par das produções de Spielrein, bem como de sua relação com Freud. Ele dominava o alemão, então entendo que ele, além de conhecer a produção de Sabina Spielrein, a lia na língua materna do inventor da psicanálise. Provavelmente deve ter tido acesso ao trabalho de Spielrein, de 1922, *A Origem das palavras infantis “papa” e “mamãe”*: algumas observações sobre diversos estágios no desenvolvimento da linguagem.¹ Por que, então não a deixou que falasse por si mesma a partir de seu próprio trabalho? Por que não a citou diretamente?*

Não sei se você tinha/tem essa informação: Sabina Spielrein – uma pioneira da psicanálise, já se fazia conhecida no meio médico brasileiro, ainda na segunda década do século passado, através de um psiquiatra que se encontrava entre os primeiros a propagar a psicanálise no Brasil. Um alagoano que se formou em medicina em Salvador e passou o primeiro período de seu exercício profissional naquela cidade divulgando a

1 Ensaio publicado em Cromberg, R. U. (2021). *Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise – Obras Completas, volume 2*. São Paulo: Blucher, pp. 267-296.

psicanálise e, por consequência, a produção científica dessa mulher, “primeira analista que teve um impacto teórico significativo”, na doutrina freudiana.

Abraço, minha querida amiga.

Graça Bandeira

Os diários russos

Os quatro diários iniciais de Sabina Spielrein foram escritos em russo. Nossa tradução desses diários foi a partir de sua tradução em alemão.² Já existe uma tradução em inglês diretamente do russo.³ O primeiro diário russo foi escrito por Sabina aos 11 anos. Ele se inaugura com o receio dela de atravessar a rua e ir para o Ginásio sozinha. Mas seu pai a orienta e ela entra sem companhia. “Eu estava com um pouco de medo de ir sozinha, pedi a papai para ir comigo, mas ele não quis. Nossa casa fica em frente ao ginásio.

2 Agradecemos a Sabine Richebächer a cópia deste material que estava entre o material que ela me doou. Ele decorre da dissertação de Wackenhut, I. e Wilke, A. (1994). *Sabina Spielrein Missbrauchüberlende und Psychoanalytikerin: Eine Studie ihres Lebens und Werkes unter besonderer Berücksichtigung ihrer Tagebücher um ihres Briefwechsels*. Dissertação inaugural na Faculdade de Medicina de Hannover, sobre ser sobrevivente de abuso e psicanalista. Um estudo de sua vida e obra com especial consideração de seus diários e correspondência.

3 Dr. Zvi Lothane, um dos pioneiros no estudo da vida e da obra de Sabina Spielrein que generosamente colocou à disposição dos pesquisadores, por meio de seus artigos, muito da correspondência sobre Spielrein, desde o final do século XX, dos quais eu me utilizo neste volume, publicou em 2023, quando este livro estava sendo finalizado, o livro *The untold story of Sabina Spielrein – healed & haunted by love*, em que estão os diários russos traduzidos do russo e cartas em russo para Sabina Spielrein de seu pai, de cada um de seus irmãos, de sua mãe, de seu marido e de seus amigos. O livro foi publicado simultaneamente em russo por Vladimir Shpilrain, sobrinho-neto de Sabina Spielrein. É um material inédito e precioso para os pesquisadores de Spielrein, que estava de posse de Helene de Morsier.

Papai me mostrou a porta pela qual eu teria de entrar e saiu para me ver entrando.”

É muito significativo que seja esse o começo de desprendimento da casa paterna rumo à sua autonomia, porque essa será a tônica de todo o processo de escrita dos diários de 1896, saindo da meninice aos 11 anos até a mulher de 27 anos no diário de 1912. Eles são o testemunho de sua evolução de menina a mulher e médica. Faço aqui um breve apanhado da imensa riqueza de descrição dos familiares, amigos e colegas que se apresenta nesses diários. Como ela diz em seu último diário, a escrita autoexpressiva aumenta sua confiança.

Já no primeiro diário podemos sentir uma escrita fluente, rica em descrições espaço-temporais e da personalidade das pessoas que apresenta. Uma menina vivaz, curiosa e muito observadora aparece nele. A preocupação primeira é com o desempenho escolar, e podemos sentir ao longo de todos os diários russos a pressão dos pais, especialmente do pai, para que tirasse notas máximas em seu desempenho. Além da dificuldade do Ginásio, o pai exigia desempenho em música e em línguas, em especial o alemão e o francês. Fazia os filhos conversarem em alemão e falava em francês com eles: “Papi fala francês comigo e com Jascha, alemão com Sanja, e nós, quer dizer, Jascha e eu, falamos alemão entre nós.”

Fico com muito medo quando escrevo ditados, porque papai diz que é uma desonra e uma vergonha quando faço erros e recebo uma nota 5-. Hoje fiz um desenho copiado da foto de papai e recebi de papai um 3+. Papai diz que se eu recebesse mesmo um único 5+ seria o mesmo que uma outra menina recebesse um 3; [seria] excelente – se eu só tivesse 5+ em tudo. Eu sempre fico tremendo quando alguém me pergunta alguma coisa... Em alemão houve um aborrecimento: eu tirei um 4 no ditado, um 4 na cópia e um 5- na declinação.

E explica detalhadamente seus erros.

Agora papai chegou e estou tão triste, provavelmente ele vai me repreender. Por que outras meninas podem se alegrar quando elas tiram uma nota três e eu preciso sofrer quando recebo um quatro? A mim me parece até que quando uma outra menina recebe uma nota um, ela não fica tão triste quanto eu quando recebo um quatro, porque as pessoas não zombam dela em casa como ocorre comigo. Por causa de papai não consigo desejar às outras um 5 ou 5+, porque papai diz que, caso alguém receba um 5+ e eu um 5-, ele iria saber. Ah, como estou infeliz, como está pesado meu coração.

Ela imagina leitores em seus diários. Ora os filhos que terá, ora seus pais. Ora principalmente o pai. Chama seu diário de “meu pequeno”.

O tema da exigência na educação pelos pais que contratam a melhor professora continua no segundo diário. “Tenho medo de receber apenas o 2º prêmio por distinção. Caso eu não receba o 1º prêmio, não vou à festa de encerramento.” Ela descreve eventos do dia a dia da família e a personalidade dos empregados. Afirma que enquanto não houver nada para estudar, ela se distrai com seu diário. Depois talvez não tenha tempo de escrever nele. Descreve seu aniversário de 12 anos e o quanto gosta da avó materna.

Podemos sentir a introyecção das exigências paternas neste trecho:

O trato que fiz no dia 25 de dezembro é o seguinte: papai fez um acordo comigo de que não vai me repreender uma única vez até o dia 25 de janeiro de 1899 e deu sua palavra de honra, para que eu desse a minha palavra

de honra de que cumpriria as regras que me fossem impostas até o dia 25 de janeiro. Eu recebo regras de bom comportamento. Eu não vou descrever quais são essas regras, pois provavelmente não vou esquecê-las de qualquer forma. Eu quis descrever as regras, mas o tinteiro tombou, o que significa que eu pretendo fazer algo ruim.

Essa educação tão severa e exigente foi uma das razões de seu adoecimento aos 18 anos.

Ela relata a criação de uma língua secreta: “Secreto: O que não quero que ninguém leia, vou escrever em uma língua secreta, por exemplo, meus preceitos. [Seguem-se 10 linhas em uma “escrita secreta” com várias letras gregas, no meio, mudança de página]”. É interessante essa criação de uma língua para si mesma, se pensarmos na sua invenção de 1920 dos três estágios da linguagem, em que o primeiro é o estágio autista da linguagem destinada a si mesma.

Relata muitas doenças infantis que tanto ela como os irmãos tiveram: escarlatina, sarampo, coqueluche.

No início de 1900, conta acontecimentos importantes: a morte da avó que mais gostava, o nascimento de seu irmão caçula Emil. Conta como é difícil para ela viver sem a avó neste mundo, que lhe dava proteção de todos os medos e a defendia da mãe e do irmão, consolando-a de qualquer aflição. Agora está completamente sozinha com seu sofrimento. Não pode desabafar com ninguém, e não pode conversar com ninguém sobre o que lhe interessa. A perda da avó foi outra razão para seu adoecimento.

Ela conta da viagem que fez com a mãe e com a irmã Milotschka para a Alemanha para se tratarem de seus estados doentios em Karlsbad, famosa estação de águas então. É a primeira vez que sai do país e tem uma certa melancolia em deixar o pai e irmãos,

mas que é logo superada por seu encantamento com a Alemanha. Ela é assomada por um medo grande, em especial por sentir que tinha que assumir responsabilidade por uma mãe nervosa que muito se atrapalhava com os trâmites da viagem. Seus pés doíam muito. Tanto no final do segundo diário como no terceiro diário russo ela mostra seu maravilhamento com a Alemanha, os alemães e sua gentileza, cultura e inteligência. Mostra interesse precoce pela língua e pronúncia alemã e sua comparação com o russo, de maneira que podemos perceber que desde cedo apontavam para o pioneirismo que teria em seus textos sobre linguagem e pensamento a partir de 1920. Dá para perceber também a imagem idealizada que construiu da Alemanha e dos alemães e que essa experiência juvenil, tão inscrita afetivamente, pode tê-la impedido de perceber o Mal nazista que acabou por assassiná-la.

O terceiro diário conta ainda da viagem, da estação de águas de Karlsbad e faz uma descrição detalhada de Berlim, pela qual se encantou.

O quarto e último diário em russo (24/04/1905 a 08/06/1905) ela escreve já na Clínica Burghölzli, da Universidade de Zurique, no final de sua internação, quando já entrou na Faculdade de Medicina dessa universidade. Ela esconde o diário de Jung. Aqui a tonalidade melancólica, que lamenta muito junto com a alegria de começar o curso, é entremeada por preocupações sobre seu futuro. Para ela, uma vida sem ciência é impossível! Sem isso restaria casar, mas ela fala da ambiguidade de desejar amor e carinho e o medo de que seja ilusório e só reste a opressão de sua personalidade por meio do casamento, o vazio e o tédio. Lamenta não ser um homem, pois “eles conseguem tudo com mais facilidade. É também ultrajante o fato de que a vida está estruturada para eles. E eu não quero ser uma escrava! A única coisa que tenho agora é minha liberdade e eu protejo essa última preciosidade com todas as forças”. Apenas de Jung suporta tudo.

Os desenhos de Sabina Spielrein

Martina Bortignon, especialista em arte e literatura da Universidad Adolfo Ibañez, do Chile, faz uma análise dos desenhos de Sabina Spielrein presentes no seu último diário em russo, mostrando que ela faz, por meio de suas criações artísticas, uma terapia íntima, um itinerário íntimo e autônomo, que segue em paralelo ao tratamento guiado por Jung.

Os diários alemães

Nos diários alemães, ela começa a descrever a relação com Jung, sua transferência a ele, mas também seus estudos em psiquiatria, psicologia e psicanálise, nos quais apresenta a diferença entre demência senil e demência precoce e também entre melancolia e histeria. Relata seus estudos sobre o eu, citando Mach e Weissmann, o mesmo que será citado por Freud em *Além do princípio do prazer*. Ao mesmo tempo, começa a comparar suas descobertas teóricas com as de Jung. Discorre longamente sobre socialismo e individualismo, como se explicasse para Jung. Começa a fazer perguntas autoanalíticas que se desdobrarão pelos outros diários, como a estranheza de que a mãe lhe tomou três vezes seu amado. Em sua escrita aparece todo o amor a Jung e também a idealização da sua figura: “O mais importante para mim é que o senhor deve ser o mais perfeito possível e, portanto, para mim os pensamentos que indicam o oposto são os mais terríveis”.

O segundo diário alemão é uma carta a Jung, em que se vê sua linguagem secreta se transformando em suas reflexões após muito estudo, o desejo de discussão com ele e que ele reconheça a semelhança de seus pensamentos, mas onde ela se diferencia dele também. Discute a relação de Jung com a esposa.

O terceiro diário alemão consiste em grande parte de folhas isoladas cuja organização em uma cronologia que fizesse sentido revelou-se bastante difícil, principalmente na segunda metade. As folhas independentes entre si foram impressas no texto em forma de parágrafos isolados com um espaço maior. Nele aparecem estudos sobre Nietzsche e Jung, em especial sua dissertação inicial sobre os fenômenos ocultos. Outra observação interessante é como, ao estudar as sensações e percepções nos sonhantes e nas crianças, ela trabalha a representação onírica de sua irmãzinha morta de tifo, de quem ela e o irmão estavam encarregados de cuidar. No sonho em que analisa a representação da irmãzinha, ela o faz mostrando que a criança vive de novo de maneira muito semelhante a que Freud realiza em seu capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*, de 1900. A culpabilidade dessa morte foi outro dos motivos de seu adoecimento: “depois da morte de minha irmãzinha, quando minha doença teve início”.

O quarto diário, de 1909 a 1912, traz reflexões sobre a relação com Jung, faz uma análise da história de amor entre os pais e sobre os quatro pares amorosos de sua própria história amorosa. Ela faz considerações sobre o primeiro trabalho indicado para publicação por Bleuler para ser apreciado por Jung editor. Comenta sobre a leitura do diário de Jung. Afirma que o amor deles nasceu em um solo de profunda compreensão psíquica e interesses intelectuais comuns. Ele sugeriu imprimir seu segundo trabalho⁴ ao lado do seu e do do dr. Honegger e que valia a pena elaborar melhor a ideia de “instinto sexual – instinto de morte”. “Eu me agarrei ao meu interesse pela atividade científica, imaginei cenas de meus sucessos futuros e me obriguei assim a recobrar a ‘sensatez’”. A partir de 1910, relata os encontros amorosos com Jung e lamenta que

4 Ela se refere aqui a “Destruição como origem do devir”. O trabalho foi publicado no *Jahrbuch 4* (1912), pp. 465-503.

ele não seja livre, por isso quer se libertar dele. Tem por objetivo que seu presente trabalho esteja tão bem escrito que lhe garanta uma vaga na Associação Psicanalítica.⁵ Ela diz que seu segundo trabalho, “Sobre o instinto de morte”, é mais importante para ela. Diz ter muito medo de que seu amigo empreste essa ideia que ele queria primeiro sugerir em seu trabalho em julho, mencionando que aqui a prioridade é dela, que ele lhe tome o processamento da ideia porque ele já queria fazer a sugestão em janeiro. A sensação de desconfiança a perturba porque quer dedicar o segundo trabalho a seu estimado professor, Jung. Mas não poderia estimar uma pessoa que mente e rouba as ideias dela, não sendo seu amigo, mas um rival mesquinhamente astucioso. Seu trabalho estará totalmente impregnado de amor! “Eu o amo e o odeio porque ele não é meu. Não posso, de forma alguma, aparecer diante dele como uma moçinha tonta. Não, elevada, orgulhosa e principalmente respeitada! Eu tenho de estar à altura dele e a ideia que criei também tem de estar associada ao meu nome.” Descreve a visita do pai por ocasião de seus exames finais e como ela se coloca diferente na relação com ele e dele com ela. Mas reafirma seu desejo de permanecer fora da Rússia contra o desejo de seu pai de que retornasse. Por isso diz que só escreve em alemão.

As cartas

Nesta parte do livro apresentamos três narrativas.

A primeira conta da relação amistosa e amorosa entre Sabina e Jung compondo um romance epistolar junto com partes de seu último diário. A segunda narrativa conta de uma relação de amizade e confiança profissional entre Spielrein e Freud, a partir das cartas trocadas entre eles. Nessas duas primeiras narrativas, extraímos os

5 Sabina Spielrein foi aceita em 1911.

principais trechos das cartas. Já na terceira narrativa, que apresenta a relação amistosa e intelectual entre Spielrein e Jung por meio de sua relação epistolar entre 1917-1919, optamos por publicar na integralidade essa correspondência, dado seu ineditismo em português e sua importância também para pensar a ruptura entre Jung e Freud, ocorrida quatro anos antes. Esse era o momento em que Jung estava emergindo de seu sofrimento fragmentador, da viagem às imagens de seu inconsciente e começando a elaborar seus novos conceitos psicológicos, em especial o de tipos psicológicos.

A leitura cruzada das cartas de Spielrein e de Jung sugere que Sabina Spielrein continuou sua análise com Jung por meio delas. Curiosamente, parece que a época dessa correspondência intensa coincidiu com o lapso de tempo, durante a guerra, em que ficou indecisa quanto à carreira de psicanalista. Na verdade, ela se dizia cansada e decidiu ser música, compositora e intérprete, realizando cirurgias médicas como ganha-pão, a maior parte do tempo em Lausanne. Também não se sabe de cartas de Freud a ela, a não ser uma de 1917, anterior ao reinício da correspondência dela com Jung, e outra posterior, pós-guerra, em que ele entra em contato para saber notícias dela.

Como já foi apresentado no primeiro volume, sua demanda de análise refere-se a cinco tópicos: 1) situar-se em relação à ruptura entre Freud e Jung; 2) analisar e liquidar seu complexo Siegfried, pois ele havia ressurgido e, segundo ela, quase a feito abortar sua filha Renata, que por isso recebeu este nome ao nascer; 3) quer um reconhecimento de sua própria metapsicologia, de sua concepção de aparelho psíquico, apoiada nas ideias de Freud, mas também incorporando ideias de Jung, mas, sobretudo, com questões únicas e singulares da própria Spielrein. Por isso pede que ele lhe devolva suas cartas, por serem importantes para seu desenvolvimento pessoal e teórico. Essa discussão aparece na carta já publicada no volume 1, mas a carta completa aparece aqui; 4) quer entender o seu

destino profissional, o seu conflito entre ser música e psicanalista; 5) mais uma vez queria saber o que significara para Jung.

Spielrein, Freud e Jung: entre judaísmo e antissemitismo

O quinto capítulo do livro tem por objetivo desenhar uma polêmica latente entre o judaísmo de Freud, como ele o assumiu para Sabina Spielrein, frente ao arianismo de Jung com seu latente antissemitismo – que se manifestou, em 1933, após a ascensão do nacional-socialismo na Alemanha –, como se pode depreender da correspondência trocada por Spielrein com Freud e com Jung, entre 1911 e 1923. Analiso também uma marca do nazismo no Brasil por meio da vinda de Berlim de Werner Kemper, da Sociedade Alemã de Psicanálise, que foi o indicado de Ernest Jones, presidente da IPA (Associação Internacional de Psicanálise), para vir ao Rio de Janeiro organizar o início da formação psicanalítica, a pedido do Instituto Brasileiro de Psicanálise, fundado em fevereiro de 1947 por alguns psiquiatras. Kemper foi o analista de Leão Cabernite, que, por sua vez, foi o analista de Amilcar Lobo, envolvido com a tortura praticada no período da ditadura no Brasil de 1964 a 1985.

Finalmente, descrevo um encontro insólito e comovente em Berlim de Brenda Gottlieb, mulher brasileira, judia e analista junguiana, em 2008. Tratava-se do painel “Freud, freudianos, Jung e os junguianos nos anos 1930 e durante o regime nazista”. Foi apresentado no Congresso Internacional de Psicanálise, em Berlim, em julho de 2007. No início de sua conferência “Tentar entender e perdoar não é a mesma coisa”, no painel “Jung e os junguianos nos anos 1930 e durante o regime nazista”, Jörg Rasche⁶ se diz honrado

6 Jörg Rasche, doutor em Medicina, nascido em 1950. Analista junguiano, treinado em Berlim e Zurique (Sandplay Therapy). Especialização em Medicina Psicoterapêutica, Psicanálise e Psiquiatria Infantil, trabalhando em instituição e clínica privada com adultos e crianças em Berlim. Músico, toca órgão e piano.

e ao mesmo tempo afirma ser essa ocasião um reencontro doloroso com o pior período da história de seu país, de seus próprios pais e de sua profissão. E um encontro com psicanalistas da IPA não familiarizados com a teoria junguiana e críticos sobre a atuação e comportamento de Jung durante o período de erupção da barbárie nazista.

Nós, junguianos alemães, estamos tentando entender o que aconteceu, para estarmos tão atentos e conscientes quanto possível do que está ocorrendo conosco e com nossa sociedade no que se refere aos complexos inconscientes para, assim, podermos prevenir qualquer repetição. Também queremos expressar nosso remorso e compaixão. Falar a vocês como alemão e analista junguiano significa falar de minha identidade profissional tanto na luz como na sombra da história junguiana na Alemanha.

Algumas reflexões sobre o esquecimento da obra de Sabina Spielrein

A apresentação do pensamento de Sabina Spielrein nos dois primeiros volumes deixa evidente um pensamento metapsicológico próprio apoiado na metapsicologia freudiana da primeira tópica, mas indo além dela, antes de Freud fazê-lo. Evidente remete a visível. De fato, todos os textos de Spielrein foram muito bem

É professor no Instituto C. G. Jung de Berlim, e em 2007 era presidente da Sociedade Alemã de Psicologia Analítica DGAP (membro da organização da DGPT e da Sociedade Internacional de Psicologia Analítica – IAAP). Em agosto de 2007 foi eleito Vice-Presidente da IAAP. Publicou artigos e livros sobre Mitologia, Psiquiatria Infantil, o Arquétipo Paterno, Criatividade, Música e Psicanálise.

recebidos por Freud e publicados nas pioneiras revistas de psicanálise e psicologia quase imediatamente após sua escritura. Por que então, a partir do seu retorno à antiga URSS, eles ficaram invisíveis, estando lá, mas não sendo mais vistos ou lidos, esquecidos progressivamente, até a publicação da compilação de suas cartas e trechos de seu diário por Aldo Carotenuto em 1977?

No último capítulo, apresento algumas hipóteses.

Penso que as forças históricas que atuaram no esquecimento da pessoa e da obra de Sabina Spielrein se relacionam àquilo que é marca simbólica da sua corporeidade e aos fantasmas pessoais, fruto do recalque. Penso que, no espaço da intersubjetividade, essas forças históricas atuaram também nos dois personagens principais de sua história, Jung e Freud, também com a marca simbólica da sua corporeidade e dos seus fantasmas pessoais.

Por marcas simbólicas da corporeidade, entendo as determinações simbólicas constituídas pelo fato de Sabina Spielrein ser mulher, russa e judia, condições que perpassaram sua corporeidade desde antes de seu nascimento e influíram na sua movimentação no mundo. Da mesma forma, para Freud, homem, judeu, austro-húngaro, e para Jung, homem, cristão e suíço-ariano.

Por fantasmas pessoais, entendo aquilo que se mostra constituído e constitutivo do recalco a partir de vivências corporais e pulsionais que constituem uma reserva histórica pulsional singular e que, ao ser mantido recalco, produz efeitos até mesmo nos processos sublimatórios.

O fato de Freud, Jung e Spielrein terem sido forças constituintes do movimento psicanalítico em seus primórdios colocou-os atravessados pelas forças instituintes coletivas que iam determinando os rumos dos ideais do novo campo de saber, o que também era perpassado não só pelas práticas psicanalíticas nascentes, mas pela política institucional e pela política da teoria nascente, junto com elas.

Assim, as forças históricas que atuaram no esquecimento da pessoa e obra de Spielrein são forças políticas gerais que fizeram intersecção com forças políticas institucionais específicas e com forças políticas culturais. Por política aqui, entendo o debate e o embate das ideias sobre como determinar a relação entre os homens no espaço público em qualquer plano que se apresentem, a condução das práticas humanas nos planos culturais, sociais e econômicos, discussão que se dá por meios pacíficos ou violentos, violência explícita ou velada.

As problemáticas da política da teoria, da política institucional nos 25 primeiros anos do movimento psicanalítico, a constituição do imaginário misógino no final do século XIX e início do XX, a problemática da bissexualidade em psicanálise, a política da Guerra constituíram algumas forças político-histórico-culturais que atravessaram a corporeidade de Sabina Spielrein e que compõem uma nova camada de compreensão da repressão ou supressão que está na base do processo de marginalização histórica, após a análise do que, no plano do recalque fantasmático sexual, funcionou como um ímã atrator.

Assim, analisamos os possíveis fantasmas pessoais de Spielrein, Freud e Jung. A política da teoria foi analisada no primeiro volume e é retomada brevemente aqui quanto à oposição entre o paradigma da paranoia por parte de Freud e do paradigma da esquizofrenia por Jung, Bleuler e Spielrein (Cromberg, 2021a, pp. 123-142). Também o fato de Sabina Spielrein ser russa e a política institucional apresentar uma oposição entre Ernest Jones e Freud em relação à formação da Sociedade Psicanalítica Russa, enquanto a oposição ao freudo-marxismo foi desenvolvida no volume 2. Abordamos ali longamente a situação da psicanálise na URSS, na época de sua efervescência criativa até a morte de Lenin em 1924 e sua proibição quando Stalin chega ao poder (Cromberg, 2021b, pp. 455-84). O fato de Sabina Spielrein ser russa e judia e a relação disso com as

forças políticas históricas do stalinismo e do nazismo foram analisados no volume 1 e no volume 2 (Cromberg, 2021a, pp. 53-68). O pacto secreto de não agressão entre Stalin e Hitler permite entender historicamente o engano de Spielrein em permanecer na URSS, o que impediu que ela e suas filhas escapassem do massacre nazista. Também os irmãos de Sabina Spielrein foram assassinados nos expurgos stalinistas de 1937-38, condenados como traidores e só reabilitados por Khrushchov em 1956. Sabina Spielrein e suas filhas morreram no holocausto das valas na Ravina da Serpente, assassinadas pelos nazistas.

Neste terceiro volume, tratamos da análise de um quinto fator do esquecimento de Sabina Spielrein: o fato de ela ser uma psicanalista mulher e a denegação do feminino na teoria psicanalítica até a década de 1920.

O soterramento histórico e a supressão da obra das pioneiras da psicanálise Margareth Hilferding e Sabina Spielrein, as duas únicas mulheres a frequentarem as reuniões da Sociedade Psicanalítica de Viena em 1911 (que tiveram, na época, uma recepção no mínimo torta ou neutralizante de seus textos), e o fato de a mulher ser apenas a justificação inicial da elaboração do mito do assassinato do pai primitivo e a centralidade que esse mito ocupa no corpo conceitual psicanalítico, desde 1913, me levaram a refletir sobre o que era a mulher no final do século XIX e início do XX com todas as ressonâncias fantasmáticas das angústias masculinas, num tempo em que as mulheres apenas começavam a ter um estatuto de humanidade e cidadania para além de seus lugares de esposas, mães e frequentadoras de igreja. Há uma relação entre a denegação do feminino na história da psicanálise e a construção da centralidade do complexo de castração, a misoginia do final do século XIX e o percurso tortuoso de inclusão da bissexualidade na teoria psicanalítica. O ano da ruptura com Adler também foi 1911, o que marcou muito o ambiente em que essas duas psicanalistas

apresentaram seus trabalhos pioneiros que colocavam a maternidade de forma nova e desmistificada. Estava-se discutindo, já com Adler, as questões do feminino e da castração, num clima ambivalente e, ao mesmo tempo, de intensa, rica e democrática troca intelectual, mas de excesso de medo de Freud das discordâncias, que não são entendidas como ruptura, mas acabam sendo colocadas por Freud assim.

Após as rupturas sucessivas com Adler, Stekel e Jung, e durante o processo de elaboração dessas rupturas, Freud escreve quase simultaneamente os artigos que se tornarão seu legado sobre a técnica da psicanálise (1912-1914), *Totem e tabu* (1913) e, logo após, *A história do movimento psicanalítico* (1914). Essas três etapas quase simultâneas refundam propriamente o movimento institucional psicanalítico centralizado em Freud como a figura de pai fundador da psicanálise. Mas qual a função da centralidade do pai em psicanálise, em relação a Freud centralizador que mantém um *corpus* teórico-clínico-metodológico? Segundo Le Guen (1972, pp. 41-50), ela decorre do próprio complexo paterno de Freud. O autor se debruça sobre a convicção inquebrantável de Freud na realidade da morte do pai original e a imutabilidade do tema que, elaborado em *Totem e tabu*, foi retomado em vários escritos (*Psicologia das massas e análise do eu*, 1921; *O futuro de uma ilusão*, 1927, *Mal-estar na civilização*, 1930, e *Moisés e o monoteísmo*, 1937) e vai se tornando progressivamente uma certeza. O conceito permanece intocado, imutável, indiferente ao tempo e a remanejamentos metodológicos. Ao realismo histórico, à permanência do tema, deve-se acrescentar a imutabilidade da própria cena. Trata-se da repetição de uma cena de descrição precisa, atores idênticos, desdobramento fatal. Tragédia pré-histórica decomposta em atos: a posse das mulheres pelo pai, a rejeição dos primogênitos e a escolha do caçula, o complô e a revolta dos irmãos, o assassinato do pai e sua devoração, a rivalidade fraterna, a elaboração das regras sociais e morais, a deificação

do pai e a apoteose da comida totêmica. Le Guen nota que não há verdadeiro papel feminino, e a mulher só aparece como justificção inicial da ação.

Então, junto com a centralidade do mito do assassinato do pai primordial no corpo conceitual psicanalítico, vem o fato de a mulher ser apenas a justificção inicial da sua elaboração. Também nos artigos sobre técnica, a transferência foi inicialmente entendida como apaixonamento da paciente mulher pelo analista homem, uma vez que, nos dias pioneiros da psicanálise, Breuer, Freud e outros viviam a experiência de súbitas declarações de amor de suas pacientes. Os casos relatados por Freud até 1905 eram de mulheres vítimas da estrita moralidade sexual que expressavam nos seus sintomas histéricos uma vida sexual desejada, mas reprimida. Algumas vezes, Freud levava isso em conta, mas em outras, compartilhava das angústias e fantasias de desejo dos homens de sua época em relação à sexualidade feminina e que eram expressas nos trabalhos literários de sua época. As mulheres eram retratadas como perigosas criaturas da pulsão que destroem o mundo masculino da ordem e do intelecto. Podemos lembrar o que Jung escreve a Freud para falar de Sabina Spielrein na confusão que ele fez entre ela e outra de suas pacientes:⁷ “Ela estava, é claro, sistematicamente planejando minha sedução”. Nessa visão das mulheres, os dois homens estão de acordo: Freud identifica o amor sexual da paciente como um lado animal do qual o médico precisa fazê-la desistir pelo trabalho de análise. Na concepção inicial da transferência, o médico é apenas uma vítima da paciente, e a contratransferência, o amor que também surge no analista, ocorre por influência apenas da paciente nos seus desejos inconscientes. Jung também coloca seu afeto, inicialmente, como mera reação ao apaixonamento de Sabina Spielrein por ele. Podemos lembrar também a frase de Freud a Jung

7 Carta de Jung de 04/06/1909 (McGuire, 1993, p. 252).

sobre “a maneira que essas mulheres arranjam para nos atrair com toda a perfeição psíquica, até que atinjam o alvo, é um dos grandes espetáculos da natureza. Uma vez que isso seja feito, ou o contrário se torne uma certeza, a constelação muda espantosamente”.⁸

Isso me levou a refletir sobre o que era a mulher no final do século XIX e início do XX com todas as ressonâncias fantasmáticas das angústias masculinas. Mireille Dottin-Orsini (1996), especialista em arte e literatura francesa do *fin-de siècle*,⁹ coloca em dúvida as afirmações de que nessa época reconheceu-se enfim uma sexualidade da mulher. Qual sexualidade? Há uma confusão entre misoginia e ginolatria num amálgama característico, presente na cultura do final do século XIX.

Outro ponto importante que analisamos é a questão da prioridade entre Freud e Fliess sobre a ideia de bissexualidade e o conflito que aí surge entre os dois. Como também o papel da análise da bissexualidade na correspondência entre Freud e Jung.

Portanto, podemos dizer que há um período antes da entrada de Spielrein na Sociedade Psicanalítica de Viena que foi de uma importância decisiva para o movimento psicanalítico: o período em que se dá a primeira ruptura entre os psicanalistas do grupo inicial em torno de Freud, com a saída de Adler e dos psicanalistas que o seguiram, estando, entre eles, a primeira mulher a ser admitida no grupo, Margarethe Hilferding, que não chegou a se encontrar com Sabina Spielrein. Dessa ruptura pode-se dizer que foi uma surpresa para a maioria dos psicanalistas do grupo, sobretudo para Adler. Apesar das divergências com Freud e da insistência no valor de suas ideias como contribuição para a psicanálise, em

8 Carta de 07/06/1909 (McGuire, 1993, p. 254).

9 *Fin-de-siècle* – expressão consagrada que resume o espírito social, político, mas principalmente cultural de intensa transformação e criação na Europa, em especial na França, na Alemanha e no Império Austro-Húngaro.

nenhum momento vemos Adler acreditar que estaria construindo uma separação de Freud. As discussões decisivas que levariam ao rompimento entre Freud e Adler deram-se em janeiro e fevereiro de 1911. A demissão de Adler e de seus seguidores foi um processo que se deu entre março e outubro de 1911.

Foi nesse cenário de “guerra” que aconteceram as conferências das duas primeiras e únicas psicanalistas mulheres até 1911. A de Margarethe Hilferding, “As bases do amor materno”, em 11 de janeiro de 1911, entre as duas conferências de Adler que levariam à explicitação de discordâncias com Freud e à sua saída da Sociedade. A de Sabina Spielrein, “Da transformação”, em 29 de novembro de 1911. Na verdade, Spielrein, por ser a segunda mulher, beneficiou-se de uma aceitação pacífica de seu nome, após a verdadeira batalha e as dificuldades encontradas pela dra. Hilferding para ser aceita como membro na Sociedade Psicanalítica de Viena, proposta feita por Paul Federn em 6 de abril de 1910, o que testemunharia o menosprezo e os preconceitos com que a sociedade da época estigmatizava a mulher.

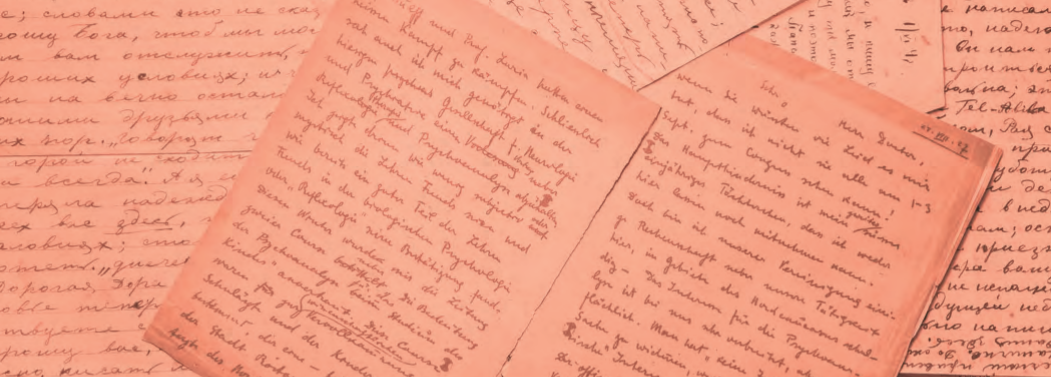
Segundo Gueller (Cromberg, 2021b, Prefácio), hoje é possível pensar que, depois de onze anos, em 1922, Sabina construiu em conexão metonímica com a fala de Margarethe, naquele que se tornaria um de seus trabalhos mais instigantes: *A origem das palavras infantis “papai” e “mamãe”: algumas observações sobre diversos estágios no desenvolvimento da linguagem*, em que reflete sobre o nascimento da criança para a palavra, ou seja, situa o segundo nascimento: a transformação do ser humano em ser falante:

Hilferding da perspectiva da mãe e Spielrein da perspectiva da criança sublinham a construção do laço simbólico que precisa ser estabelecido entre os seres de linguagem, ou seja, o preço pago pela desnaturação [...] A amamentação/desmame, o sugar/chuchar em

presença ou ausência do seio/leite se torna para os seres falantes matriz e apoio para o surgimento da linguagem falada. (Cromberg, 2021b, Prefácio)

A emergência de Sabina Spielrein no movimento psicanalítico como psicanalista e escritora teórica e clínica se deu no meio das primeiras rupturas e expulsões de Adler, Stekel e Jung. Ela preferiu não as viver em Viena e, após seu casamento em Rostov, foi a Berlim. Mas lá também viveu a violenta difamação de Jung por Abraham. Veio a Guerra e ela foi a Lausanne, afastando-se da psicanálise. Quando voltou foi para revolucioná-la novamente em Genebra com seus artigos sobre linguagem e pensamento, seu trabalho clínico com psicanálise, educação e neurologia e depois em Moscou e Rostov, como a mais preparada dos psicanalistas no curto espaço de florescimento da psicanálise ali. Defendeu a psicanálise até o fim em território soviético, até ela sequer poder ser mencionada a partir de 1936. Depois, os piores totalitarismos de Stalin e Hitler liquidaram a ela e a sua família

O volume termina inserindo Sabina Spielrein na primeira geração de psicanalistas mulheres, cujos trabalhos emergem numa nova historiografia da psicanálise que o passar dos anos pode construir. Reflito sobre as motivações do meu percurso de pesquisa e sua finalização. Ao longo destes quarenta anos de pesquisa sobre Sabina Spielrein, para além das razões inconscientes transgeracionais, é espantoso que tenha sido uma visitante de outro tempo, depois de sua morte, inicialmente reconhecida apenas para os que prestam atenção a sua obra prima, depois de passar sessenta anos ausente, que ela tenha surgido a mim, ao acaso. Que milagre que o universo tenha atingido o estágio da consciência e que Sabina Spielrein tenha sobrevivido para entrar na minha consciência e na de outros pesquisadores. Isso é um milagre!



Renata Udler Cromberg é autora bastante conhecida e reconhecida no meio psicanalítico brasileiro. Sua obra sempre primou pelo vigor intelectual e clínico da psicanalista aliado à elegância da escritora. E agora, com a finalização desta trilogia sobre Sabina Spielrein, outra qualidade vem a estas se somar: a meticulosidade e o rigor da pesquisadora e historiadora. Mercidamente, esta trilogia impressionante alça Cromberg ao rol dos escritores psicanalistas internacionalmente reconhecidos. Poucas vezes uma personagem da história primordial da psicanálise, como Spielrein, ganhou um estudo tão extenso e profundo que, ademais, tem uma função claramente reparatória, dado o tratamento que a política psicanalítica historicamente até agora lhe reservara.

– **Flávio Ferraz**

série

PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Coord. Flávio Ferraz

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2617-8



9 788521 226178



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Sabina Spielrein - Vol. 3

Uma pioneira da psicanálise: obras completas

Renata Udler Cromberg (Org) e Sabina Spielrein

ISBN: 9788521226178

Páginas: 614

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2025
